

APONTAMENTOS DA AULA 01:

Revoluções Industriais

A passagem da manufatura para o maquinofatura foi a principal transformação do mundo contemporâneo, pois, agora, as máquinas passam a fazer parte do trabalho do homem, surge então o que a sociedade chamou de Revolução Industrial. Sendo a Primeira Revolução Industrial o grande marco da produção na sociedade europeia e essa transformação tem o pioneirismo inglês, principalmente por toda a sua história de acumulação de capitais e evolução técnica para o desenvolvimento das máquinas.

Esta Revolução trouxe o crescimento das áreas urbanas e os trabalhadores rurais perderam seus empregos no campo (êxodo rural). Tal Revolução trouxe o aumento da produção com o uso do carvão mineral como fonte de energia e aumento da esperança de mais tecnologia para o futuro. Já a Segunda Revolução Industrial começou na segunda metade do século XIX, como uma herança deixada pela 1ª Revolução, a qual se manteve forte na Europa, no entanto, vai se expandindo para novas fronteiras, como EUA e Japão que também se tornaram destaques nesta fase da transformação do espaço. A verdade é que a transparência de um novo ciclo só se deu nas primeiras décadas do século XX, com uma característica própria, impondo mais transformações que a anterior inclusive na dinâmica de produção que está por trás de todo desenvolvimento técnico, científico e de trabalho.

Logo após a 2ª Grande Guerra Mundial, o processo produtivo passa a seguir outros caminhos, tentando se libertar do modelo imposto pela Segunda Revolução Industrial. Os investimentos em pesquisas ganharam grandes proporções e no início da década de 1970 surge então a Terceira Revolução Industrial, tendo por base a alta tecnologia, a tecnologia de ponta (HIGH-TECH).

A tecnologia característica desse período técnico trouxe inúmeras novidades como a microeletrônica, a informática, o robô, o sistema integrado à telemática (telecomunicações informatizadas), a biotecnologia, a Engenharia Genética, a Biologia Molecular e outras inovações que passaram a fazer parte do cotidiano de parte da população mundial.

APONTAMENTOS DA AULA 02:

A Revolução Industrial Brasileira.

A industrialização brasileira começa de forma lenta na segunda metade do século XIX, com a ajuda do barão de Mauá, no eixo São Paulo-Rio de Janeiro, melhorando seu ritmo a partir da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) com uma maior diversificação do parque fabril. Isso ocorre devido à redução da entrada de mercadorias estrangeiras no Brasil ainda por causa do conflito na Europa. As fábricas de tecidos, roupas, alimentos, bebidas e fumo, ou seja, as indústrias de bens de consumo não duráveis, eram responsáveis por 70% da produção industrial brasileira e os investimentos de capital privado eram nacionais., além da forte política do Café com Leite, que mantinha o país no cenário agroexportador, não deixando a indústria ganhar espaço.

Substituição das Importações e a Era Vargas

O termo substituição das importações retrata a tentativa de “independência” dos países latinos que passaram por uma industrialização tardia, reduzindo suas importações, isto é, a dependência externa. Foram as ações adotadas pelo governo Getúlio Vargas, como as medidas fiscais e cambiais, que consolidaram uma política industrial voltada à produção interna de mercadorias que até então eram importadas: primeiro a desvalorização da moeda nacional (réis até 1942 e, a seguir, cruzeiro) em relação ao dólar e a implantação de leis e tributos que restringiam a importação de bens de consumo e de base que pudessem ser fabricados no país. Getúlio Vargas foi empossado pela Revolução de 1930, após a crise do Café e a quebra da Bolsa de Nova Iorque em 1929 tinha um cunho modernizador. Embasado pelo Keynesianismo, Vargas se caracterizou por seu intervencionismo, ou seja, estatização da economia, pois de 1930 a 1956 a industrialização no país seguia essa estratégia governamental de implantação de estatais nos setores de bens de produção e de infraestrutura: siderurgia (Companhia Siderúrgica Nacional – CSN), extração de petróleo e petroquímica (Petrobras), bens de capital (Fábrica Nacional de Motores – FNM,), extração mineral (Companhia Vale do Rio Doce – CVRD) e produção de energia hidrelétrica (Companhia Hidrelétrica do São Francisco – Chesf).

APONTAMENTOS DA AULA 03:

O Desenvolvimentismo de JK - O governo de Juscelino Kubitschek (1956- -1961) promoveu um importante crescimento econômico a partir da implantação do chamado Plano de Metas: crescer “50 anos em 5”. Tratava-se de um extenso programa de desenvolvimento que previa maciços investimentos estatais em diversos setores da economia com o objetivo de tornar o Brasil um país atraente aos investimentos estrangeiros. As marcas do governo JK foram a interiorização: Brasília, inaugurada em 1960; modernização do país; e o crescimento da produção industrial, o que ocorreu principalmente nos setores automobilístico, químico-farmacêutico e eletrodoméstico. O parque industrial brasileiro mostrou uma significativa produção de bens de consumo duráveis, sustentando e dando continuidade à política de substituição de importações.

A indústria no Governo Militar - Em 1º de abril de 1964, teve início no país um período de governo conhecido como regime militar, onde o Brasil viu subir uma dívida externa de 3,7 bilhões para 95 bilhões de dólares em 1985, mostrando que os gastos foram incontáveis em prol de um falso crescimento econômico. O parque industrial cresceu de forma sensível e a infraestrutura nos setores de energia, transportes e telecomunicações foi se modernizando como podia. Portanto, embora os indicadores econômicos apresentassem números favoráveis, a desigualdade social aprofundou-se, assim como a concentração da renda nos estratos mais ricos da sociedade.

Abertura econômica e a reorganização do espaço industrial brasileiro - O processo de abertura do mercado brasileiro aos bens de consumo e de capital foi facilitado pela diminuição dos impostos de importação, tendência contrária ao início da industrialização. Isso favoreceu a compra no exterior de máquinas e equipamentos industriais de última geração, promovendo a modernização do parque industrial e o aumento da produtividade, entretanto, a modernização provocou desemprego estrutural. O setor de bens de consumo abateu-se com a entrada de produtos importados provocando a falências. No geral, a abertura econômica propiciou um aumento no número de fábricas e uma diversificação de marcas, além de uma dispersão espacial. Desse modo, a privatização de empresas estatais e a concessão de exploração dos serviços de transporte, energia e telecomunicações às empresas privadas nacionais e estrangeiras mostraram aspectos positivos e negativos, em alguns casos com a troca de uma fonte de prejuízos por uma maior arrecadação.

APONTAMENTOS DA AULA 04:

A Substituição das Importações na América Latina.

Para discutir um pouco sobre a industrialização na América Latina é importante reconhecer que o processo de industrialização esteja atingindo outros países deste continente como Venezuela, Colômbia, Chile e Peru. Brasil, México e Argentina, que são os maiores, são mais industrializados e têm diversificadas as economias de sua região. Esses três países se tornaram independentes no início do século XIX e, no final dele, iniciando lentamente seu processo de industrialização, ainda continuavam dependentes do modelo agroexportador, essa mudança de cenário se intensificou somente a partir da década de 1930. Relacionado à crise de 1929 e a depressão econômica que se seguiu, os países industrializados tiveram que importar menos, o que fez com que Brasil, México e Argentina tivessem também reduzidos seus níveis de exportação, o que lhes dificultou importar diversos produtos industrializados. O resultado dessa queda no ingresso de produtos importados acelerou a industrialização voltada a substituir muitos bens de consumo, principalmente vindos da Europa.

Esse modelo de industrialização por substituição de importações mostrou suas limitações logo após a Guerra, com a carência de maiores volumes de capitais que permitissem dar continuidade ao processo, como a limitação de setores industriais importantes, a indústria de bens de capital e defasagem tecnológica. Nesse período, a entrada de capitais estrangeiros foi significativa e as filiais de empresas transnacionais promoveram expansão de muitos setores nesses países: automobilístico, químico-farmacêutico, eletroeletrônico, de máquinas e equipamentos entre outros que até então tinham uma produção limitada. Importante ressaltar que nos setores tradicionais também entraram empresas alimentícias e têxteis, juntando-se às já existentes e, em muitos casos, incorporando-as, favorecendo um grande avanço no processo de industrialização do Brasil, do México e da Argentina, nos quais passaram a utilizar o tripé de capital estatal, nacional e estrangeiro. O cenário de entrada das empresas transnacionais contribuiu para o surgimento de novas empresas nacionais em diversos setores, complementando as estrangeiras: é o caso da entrada das empresas automobilísticas que estimulou o desenvolvimento de muitas indústrias nacionais de autopeças. Esse modelo foi encontrado também em outros países latino-americanos, como a Colômbia, o Chile e o Peru, que vêm apresentando, surpreendentemente, rápido crescimento econômico

APONTAMENTOS DA AULA 05:

O Sudeste Asiático e a sua Plataforma de Exportação

Coreia do Sul, Taiwan e Cingapura entre outros países do Sudeste Asiático não eram muito diferentes da maioria de seus vizinhos da Ásia até a Segunda Guerra Mundial. Todos tinham um número populacional pequeno, em sua maioria analfabeto, território reduzido, sem nenhuma reserva importante de recursos minerais ou combustíveis fósseis, apresentando assim, um futuro econômico que não lhes parecia muito promissor.

Durante a Segunda Guerra, os territórios no Sudeste Asiático estavam sob ocupação japonesa. Neste momento, eram visíveis grandes problemas estruturais e sociais nesses países. Logo após a guerra, principalmente a partir dos anos 1970, eles passaram por um acelerado processo de industrialização. Ajudados pela própria Guerra Fria, eles fizeram parte de um grupo de alianças liderado pelos Estados Unidos para fazer frente ao avanço da China e da URSS na época e receberam apoio financeiro daquele país, o chamado Plano Colombo.

Com o passar das décadas de 1980 e 1990, o Sudeste Asiático apresentou alguns dos maiores índices de crescimento econômico do mundo e desde essa época, suas economias vem se destacando e estão entre as que mais têm incorporado novas tecnologias ao processo produtivo. Além disso, vêm reduzindo as desigualdades sociais e avançando seus indicadores socioeconômicos.

Desde os anos 1980, ficaram conhecidos como Tigres Asiáticos (junto de Hong Kong), pelo forte desempenho na conquista de novos mercados no exterior, o que levou suas economias a crescer, em média, 7,4% ao ano. Logo, esse resultado vem do modelo de plataforma de exportações, que se caracterizou pelo incentivo do governo ao processo de exportação com redução dos impostos, a desvalorização da moeda, o protecionismo com taxas para importação, investimento em infraestrutura e restrição ao consumo para aumentar a poupança interna.